

O LUGAR DO ANALISTA NA CONTEMPORANEIDADE: TEMPO E FORMAÇÃO

Leilyane Oliveira Araújo Masson

A retomada dos textos clássicos freudianos se justifica por considerar que seus argumentos tratam de questões universais, humanas e, portanto, atemporais; questões históricas e contextuais; e questões singulares e únicas. A fertilidade do pensamento freudiano para a compreensão da cultura revela que uma das marcas de Freud é desconfiar. Desconfiou que a histeria não era mera encenação, desconfiou que nossas lembranças de infância não haviam desaparecido, desconfiou que a sexualidade não se iniciava na vida adulta, entre tantas desconfianças. Freud foi além, humano, demasiadamente humano, mas um tanto corajoso, enfrentou seus escorpiões e iluminou o psiquismo. É esta mesma postura que merece ser retomada nas pesquisas contemporâneas. Encontrar quem desconfie que o progresso material caminha em descompasso com o progresso humano e social; que as formas de exclusão e exploração se sofisticaram mas continuam presentes; que o que se apresenta como novo, pode não ser tão novo assim; entre outras desconfianças.

Nesse sentido, a retomada de questões fundamentais para pensar a relação teoria e prática, indivíduo-sociedade faz-se necessária e fundamental para a compreensão da contemporaneidade e suas condições objetivas. A retomada aos textos clássicos freudianos, ao expressarem a radicalidade da sua teoria e ruptura com o pensamento hegemônico, particularmente as concepções sobre a relação entre realidade objetiva e subjetiva, mantém a atualidade necessária e contribuem para a compreensão de que diferentes processos culturais implicarão configurações psíquicas/subjetivas próprias.

Nessa particularidade histórica, a articulação do tempo se expressa pelas vias do imediatismo, a ilusão de completude encontra respaldo em uma série de promessas

veiculadas, em especial, pela mídia. O jogo onipotente de poder e controle encontram, na contemporaneidade, diversas facetas.

Ao mesmo tempo, trata-se de um jogo, aparentemente sem grandes emoções e compromissos, uma espécie de automatismo parece tomar conta das relações. Mais imagens que palavras, acordos pré-estabelecidos sem muito questionamento e, ainda, recursos imediatos para qualquer expressão de sofrimento psíquico.

A atualidade valoriza o indivíduo autônomo, preso a um ideal que envolve expectativas grandiosas em contradição com possibilidades, cada vez mais frágeis, de reconhecimento e realizações mínimas. A vulnerabilidade do sujeito na contemporaneidade tem expressão nas relações, nos vínculos. O distanciamento afetivo imposto por novos acordos familiares, implícitos ou não; a fragilidade dos relacionamentos amorosos; os laços de amizade transformados em rede de contatos para oportunidades futuras, podem ser compreendidos como apontamentos disso que culmina em um sentimento de vazio.

Nesse sentido é importante considerar as transformações referentes à articulação da temporalidade. Se, de um lado, a análise da realidade evidencia a presentificação do tempo como expressão da cultura, de outro, preserva algumas possibilidades de compreensão da temporalidade como totalidade que não se resolve no presente. Seria esse um dos pontos para discutir os impasses envolvendo a psicanálise na contemporaneidade.

Por um lado, a psicanálise resiste à lógica atual, imediatista e fixada no presente, pois, trabalhar com o inconsciente já pressupõe articulação de tempos. Por outro, discutir a formação do analista e mesmo o cotidiano da clínica é lidar com transformações na forma de organização social relacionadas às configurações do mundo

do trabalho e do consumo que exigem um ritmo outro, e, portanto, novas formas de atuação da psicanálise no mundo contemporâneo.

A psicanálise opera em outra lógica, ou seja, outra forma de articulação de tempo, nesse tempo. Não há quem escape totalmente do ritmo acelerado, do controle do tempo, da lógica da produção e da quantificação.

Diante desse impasse contemporâneo é importante resgatar algumas questões em relação à psicanálise e sua fertilidade na compreensão da cultura e na intervenção clínica, a contradição existente entre o que se perdeu e o que permanece em meio às transformações ocorridas no mundo moderno.

O trabalho proposto por Freud exige um tempo que não abdica das mediações, que reconhece a história, a reflexão, o estranhamento diante da realidade. Trata-se da possibilidade de reinserção do sujeito na universalidade, com base em uma outra lógica que envolve estranhamento e contemplação diante da produção humana, em um tempo que articula passado, presente e futuro.

Desde os primórdios da humanidade o homem se remete a um “tempo interno”, um tempo inteiro ligado à natureza humana que, com o percurso da civilização, ficou submetido ao tempo quantificado, fragmentado. O tempo objetivo, no mundo capitalista, tem como características fundamentais a quantificação e o imediatismo; já o tempo subjetivo é qualitativo, um tempo não-linear que abarca a experiência da universalidade e trama do inconsciente. Tempos estes que não se separam, mas também não se diluem um no outro (MASSON, 2006).

A noção freudiana de inconsciente constitui uma contribuição fundamental no tocante a concepção subjetiva de tempo. Não há na obra freudiana, um texto específico tratando da questão do tempo, no entanto, são muitas as referências ao tempo relacionadas à dinâmica do psiquismo.

Falar de inconsciente já é falar de uma outra forma de lidar com o tempo, a linearidade do tempo é desprezada pelo inconsciente. O presente tropeça no passado negado a todo o momento, o sujeito experiencia um tempo de outra lógica, no qual o futuro se antecipa e o passado marca presença em meio a retornos, recalques, repetições e recordações.

Os desafios que a prática clínica impõe não são característicos da contemporaneidade. Freud (1905[1904]/ 1987) já dizia, referindo-se a Hamlet, que o instrumento anímico não é assim tão fácil de tocar. As transformações do método, na construção da psicanálise, não deixam de expressar o difícil manejo que envolve o trabalho de análise, muito além da rememoração.

De uma maneira ainda mais clara, a transferência é um permanente desafio. Desde Freud, quem se dispõe a ocupar o lugar de analista precisa se haver com o fato de ser “simultaneamente o transitório e o destinatário” (PONTALIS, 1991) e de ter que ultrapassar esse lugar enfrentando seus próprios fantasmas do passado.

Todavia, na contemporaneidade, tais desafios têm suas peculiaridades. De início sempre que falamos de um tempo que é o nosso, falamos na impossibilidade de um distanciamento que permita uma visão panorâmica da realidade que pretendemos tratar, por estarmos nela imersos.

No entanto, isso não significa que não deva haver um esforço, digamos objetivo, para que epistemologicamente se possa distanciar o quanto possível e manter a ótica da crítica, e assim tentar compreender as questões desse tempo. Tal compreensão carrega a responsabilidade de intervenção, a tempo, de uma reflexão acompanhada de construção. Transitar entre a expressão universal presente na singularidade de cada caso é tarefa tão fascinante quanto árdua.

Nesse sentido, discutir a clínica constitui tarefa privilegiada. Muito além de uma organização de um caso clínico ou de sua exposição, trata-se de uma possibilidade de distanciamento que permite confrontar o analista com o seu lugar, com a posição de despir-se de seu narcisismo como condição de escuta.

O analista é também sujeito do seu tempo, envolvido nas questões que assolam seus pacientes, porém com um percurso que permite um posicionamento diferente diante daquele que sofre e lhe fala. Talvez por isso, a inesgotável importância em discutir o sujeito, os dispositivos da clínica, as manifestações do inconsciente, o estudo e a transmissão da psicanálise, em especial na contemporaneidade.

Hornstein (1993) ressalta, entre outros riscos, o de que a bagagem teórica se transforme em defesa para não enfrentar a singularidade de cada história. “[...] *la mejor teoria es la que no se nota, la que informa la clinica pero no la parasita* [...]” (p.116). É também, nesse sentido, que vale ressaltar, mais uma vez, a importância de discutir a clínica contemporânea e o desafio que se renova a cada *contrato excepcional* exigido pelas configurações dos sujeitos que ali chegam. Em contrapartida também não é nova a idéia retomada por Hornstein de que a plasticidade técnica é sustentada por uma exigência de rigor teórico.

Formação, de fato, exige um tempo que não abdica das mediações, que reconhece a história, a reflexão, o estranhamento diante da realidade. Trata-se da possibilidade de reinserção do sujeito na universalidade, com base em uma outra lógica que envolve estranhamento e contemplação diante da produção humana, em um tempo que articula passado, presente e futuro.

BIBLIOGRAFIA

FREUD, Sigmund. Sobre a Psicoterapia (1905 [1904]) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

HORNSTEIN, L. **Practica Psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 1993.

MASSON, L. O. A. **A articulação do tempo na contemporaneidade: presentificação e domínio**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Goiás.

PONTALIS, J. B. **A força de atração**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

SOBRE A AUTORA

Leilyane Oliveira Araújo Masson. Psicanalista em formação pelo GTEP (Grupo de Estudos e Transmissão em Psicanálise) do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professora Assistente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Goiás. Membro do NEPEEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Educação e Cultura) na UFG.